

FERREIRA GULLAR: um fazer poético expressivamente social

Milena Guimarães Andrade Tanure¹

RESUMO

Este artigo propõe-se a analisar algumas produções poéticas de Ferreira Gullar a fim de evidenciá-lo como um escritor eminentemente social. Sua criação, comprovando a consciência da influência de fatores social no poema e do poema na sociedade, evidencia criticamente as problemáticas sociais. Assim, a partir de uma apropriação particular da linguagem, Gullar apresenta um fazer poético atento à relação direta entre povo e poema.

PALAVRAS-CHAVE: Ferreira Gullar. Poema. Engajamento. Função social da linguagem.

ABSTRACT

This article proposes to consider some of poetic productions of Ferreira Gullar to evidence this writer as an eminently social. His creation, demonstrating awareness of the influence of social factors in the poem and the influence of poem in the society, critically highlights social problems. Thus, from a special appropriation of the language, Gullar has a poetic eye to the straight relationship between society and the poem.

KEY-WORDS: Ferreira Gullar. Poem. Engagement. Social function of the language.

SUMÁRIO: 1. INTRODUÇÃO. 2. “POEMA BRASILEIRO”. 3. “AGOSTO DE 64”. 4. ALGUNS OUTROS DESTAQUES 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS. REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo surge a fim de se pensar a construção poética de Ferreira Gullar como uma realização que se mostra engajada e que se volta ao social em diferentes fases da sua carreira como poeta. Carregando a sua poesia como bandeira, Gullar é capaz de, independente do movimento que integre, realizar um fazer poético que se solidifica a partir do reconhecimento de um papel social da poesia.

Antonio Candido (2006) sinaliza a existência de uma iminente relação entre a obra e o ambiente. Inegavelmente, “o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como

¹ Discente do 2º ano B matutino do curso de Direito da UNIFACS. Discente do 6º semestre do curso de Letras Vernáculas, do DCH I-UNEB.

significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*” (CANDIDO, 2006, p. 14).

Desse modo, uma análise que se queira aprofundada tanto quanto possível, deve atentar à existência de importantes fatores socioculturais que exercem influência direta na produção artística de uma época. Dentre tais fatores, Cândido (2006) destaca como mais decisivos a estrutura social, os valores e ideologias e as técnicas de comunicação. Observa-se, ainda, que

O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio (CÂNDIDO, 2006, p. 30-31).

Há que se destacar, contudo, que muitas das análises literárias que têm sido feitas ofertam exacerbada atenção ao contexto histórico. No entanto, ao se trabalhar com o texto é preciso se atentar que a análise deve ser feita do texto para o contexto histórico (ou para qualquer outro elemento que se pretenda evidenciar), e não o contrário. Assim, as apreciações aqui realizadas surgem para ratificar a presença de Gullar como um autor expressivamente social, e não a fim de buscar o contexto social, pura e simplesmente, que justifique este fazer poético.

Ainda que o poeta mergulhe amplamente no subjetivismo, a arte poética não deixa de trazer consigo a representação social. Assim,

(...) a expressão lírica, mesmo quando mergulhada na subjetividade, encontra, na corrente subterrânea da linguagem, seu sentido mais amplo e social. Mas a questão colocada nesse momento é oposta: um poema que não tem a marca típica da subjetividade lírica traz, para o interior da representação poética, o polo do *lirismo* e o da *participação* articulando, via lirismo, o dado social e o individual (CARA, 1989, p.62).

Gullar, em diversas entrevistas, e até mesmo em poemas, coloca em destaque como o fazer poético não se dá mecanicamente, como se dependesse do poeta escolher o momento em que o poema surge e se desenvolve.

O presente artigo não se propõe a analisar uma trajetória que evidencia esse fazer poético engajado, mas, apenas, retratar, por meio de selecionados textos, como essa atividade criativa que se faz por meio de um uso social das palavras, apresenta-se constante em

diferentes poemas de Gullar. Destaca-se, ainda, que a seleção dos poemas não guarda qualquer relação com obras específicas, ou objetiva prender-se à situação social da época em que surge, sendo assim, a escolha se guia, única e exclusivamente, pela finalidade a que se propõe este trabalho.

2. “POEMA BRASILEIRO”

Em 1975, Ferreira Gullar publicou o livro de poesias “Dentro da noite veloz” que, tratando da realidade nacional, insere-se no auge da ditadura militar. Luft (s.d, p. 3) destaca que, por meio dessa obra, Gullar consegue a proeza de “abordar temáticas de cunho social sem cair na vala comum do texto panfletário”. A fim de realizar a análise a que se propõe o presente trabalho, destaca-se, em especial, o “Poema Brasileiro”.

Poema Brasileiro

No Piauí de cada 100 crianças que nascem
78 morrem antes de completar 8 anos de idade

No Piauí
de cada 100 crianças que nascem
78 morrem antes de completar 8 anos de idade

No Piauí
de cada 100 crianças
que nascem
78 morrem
antes
de completar
8 anos de idade

antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade

(GULLAR, 2010, p. 159)

A análise desse poema coloca-nos diante de um enunciado que pode ser entendido como uma notícia de jornal que, como tal, não é captada em toda a sua dimensão trágica. Nesse aspecto, é válido afirmar que o eu poético que se enuncia coloca em destaque a automatização das notícias jornalísticas que, sendo mecanicamente reproduzidas e assimiladas, não são analisadas e criticadas em toda a sua profundidade.

O título, “Poema brasileiro”, permite diversas leituras. É possível elucidar, por exemplo, o fato de que, apesar de o poema apontar o estado do Piauí como espaço central, há

a formação do retrato do Brasil, em que crianças morrem sem que perguntemos o porquê e sem que seja ofertada uma real importância a tal fato.

Há que se destacar, ainda, outro aspecto que é extremamente emblemático nesse poema, o uso da linguagem. Não há como se omitir de observar o modo como o poeta se apropria da linguagem de um modo singular a fim de evidenciar algo que, com uma linguagem comum/corriqueira não seria percebido em toda a sua cruel profundidade.

Nesse aspecto, coloca-se em evidência um conceito formulado pelos Formalistas Russos, a “Literalidade” de um texto. Para esses teóricos, o texto literário é dotado de uma literalidade que o singulariza. Esta literalidade surge, por sua vez, a partir do momento em que o uso específico da linguagem gera o “estranhamento”. Escusando-se de se pensar as limitações das formulações desses teóricos, é válido observar como o fazer poético deste poema consegue apoderar-se de um uso exclusivo da linguagem que permite um estranhamento, chamando atenção do leitor, diferente do que normalmente se dá com uma notícia de jornal.

Observa-se, desse modo, como a fragmentação da notícia, cria uma nova pausa na leitura e, assim, vai delineando para o leitor um novo ritmo que permite que se oferte uma específica atenção em cada passagem a ser destacada. Trata-se, portanto, de um trabalho de segmentação que, partindo do todo em direção à parte, destaca elementos que passam a ser analisados criticamente a partir da formação de um conjunto que já não é mais o mesmo do início da leitura.

Pode-se aferir, assim, que a ambição do poeta não é a de noticiar, mas produzir uma denúncia, tanto no que se refere ao descaso das produções jornalísticas quanto ao drama que se coloca em questão, a morte de muitas crianças antes de completarem oito anos de idade.

3. “AGOSTO DE 64”

O poema, “Agosto de 64”, também presente no livro “Dentro na noite veloz”, é outro texto que merece ser destacado, uma vez que coloca em cena, emblematicamente, a existência de um eu poético que, inserindo-se em um contexto de ditadura, de uma “modernização” excludente e em que a liberdade de expressão é cerceada paulatinamente, encontra na sua poesia o grito daqueles que perdem a voz e daqueles que nunca a tiveram.

Em Gullar, representando um aspecto muito peculiar, o poema como uma voz surge reiteradamente. No poema anterior, por exemplo, o texto é uma voz que faz denúncias por meio de uma linguagem que lhe é toda particular. Em “Agosto de 64” temos:

Entre lojas de flores e de sapatos, bares,
mercados, butiques,

viajo

num ônibus Estrada de Ferro – Leblon.
Volto do trabalho, a noite em meio,
fatigado de mentiras.

O ônibus sacoleja. Adeus, Rimbaud,
relógio de lilases, concretismo,
neoconcretismo, ficções da juventude, adeus,
que a vida
eu a compro à vista aos donos do mundo.
Ao peso dos impostos, o verso sufoca,
a poesia agora responde a inquérito policial-militar.

Digo adeus à ilusão
mas não ao mundo. Mas não à vida,
meu reduto e meu reino.

Do salário injusto,
da punição injusta,
da humilhação, da tortura,
do terror,

retiramos algo e com ele construímos um artefato

um poema
uma bandeira

(GULLAR, 2010, p. 170)

O eu lírico que se coloca diante do leitor é um sujeito crítico que evidencia um cenário que não lhe agrada e ao qual ele se sente obrigado a não ser indiferente. Trata-se de um sujeito lírico que não é omissivo e que toma uma postura diante da realidade que se impõe para si.

A passagem em que se destaca “Volto do trabalho, a noite em meio,/ fatigado de mentiras.” é extremamente expressiva por colocar em cena um trabalhador que, voltando do trabalho já à noite, possivelmente após ter saído cedo de casa, não destaca o seu cansaço físico, mas um cansaço diante de tantas mentiras.

O cenário delineado anteriormente evidencia exatamente que espaço de mentiras é esse que se coloca para um sujeito trabalhador naquele momento: “Entre lojas de flores e de sapatos, bares,/ mercados, butiques,/ viajo”. Assim, como é possível aferir, a viagem não se dá apenas no trecho de volta para a casa, mas uma viagem que se dá diante de um panorama que lhe é estranho e que cria uma realidade fantasiosa em que há flores, sapatos, bares, mercados e

butiques, no entanto, isso não é para todos e mascara uma realidade que está para além dos elementos da sociedade burguesa.

Há como se aferir, ainda, que no trecho “O ônibus sacoleja”, sobretudo devido aos elementos que se sucedem, o “sacolejar” não se dá apenas no meio de transporte. Há como se avaliar como sendo uma metáfora que retrata os abalos sociais vividos com a ditadura militar que se inicia exatamente em 1964. Evidentemente, partindo-se do abalo social, pode-se observar que se trata, ainda, do abalo na existência da voz que se enuncia. Assim, diante deste sacolejar, o eu poético se despede de suas utopias do passado “Adeus, Rimbaud, /relógio de lilases, concretismo, / neoconcretismo, /ficções da juventude, /adeus, /que a vida /eu compro à vista aos donos do mundo”, uma vez que há um presente que se impõe para ele marcado pela opressão.

A estrofe final do poema, por sua vez, representa umas das passagens mais significativas para esta análise:

Digo adeus à ilusão
mas não ao mundo. Mas não à vida,
meu reduto e meu reino.
Do salário injusto,
da punição injusta,
da humilhação, da tortura,
do terror,
retiramos algo e com ele construimos um artefato

um poema
uma bandeira

Há que se perceber a existência de duas realidades antagônicas presentes no mesmo universo fático em que se insere o eu lírico. Assim, no mesmo espaço em que há os elementos “lojas de flores e de sapatos, bares, / mercados, butiques”, há o salário injusto, a punição injusta, a humilhação, a tortura e o terror. A análise dos dois conjuntos, atrelada à leitura de todo o poema, permite perceber que os dois grupos se colocam para o sujeito poético como elementos que formam um contexto desigual e injusto. Diante do primeiro grupo, o sujeito se indigna por saber que aquilo se trata de uma “mentira”, uma “ilusão”, que mascara a realidade do grupo dois, em que há salários e punições injustas, além de humilhação, tortura e terror. Assim, pode-se afirmar que diante do primeiro, há uma indignação, enquanto que, diante do segundo, há um posicionamento. No entanto, o sentimento entre os dois grupos se interligam e se tornam diretamente complementares, como uma gradação em que, nesta “viagem”, o sujeito passasse por entre espaços que lhe são falaciosos e chegasse ao espaço da opressão,

em que ele diz “adeus à ilusão” e assume uma voz a fim de proteger o seu “reduto” e seu “reino”.

Algumas imagens, em especial, são emblemáticas no poema. Tem-se, por exemplo, “a poesia agora responde a inquérito policial-militar”, evidenciando uma arte que nesse momento torna-se vítima da censura, mas que não deixa de ser “um artefato”, uma vez que representa instrumento de luta. Assim, tem-se o poema como “uma bandeira”, como o estandarte capaz de liderar e que toma esta postura por uma causa social.

Diante da realidade fática que se coloca imperiosa diante do sujeito, ele, apesar de abandonar utopias do passado, não abandona ideais. Assim, partindo do individual, “(eu) Digo adeus à ilusão”, chega-se a um coletivo, “(nós) retiramos algo e com ele construímos um artefato”, que se forma a partir da desigualdade que se coloca a fim de formar um instrumento de luta muito mais relevante do que a violência, “um poema”.

O poema torna-se, assim, “uma bandeira”. Neste trecho, em especial, algo se torna extremamente cabível de se elucidar, o poema surge mais do que como uma arma de combate, uma bandeira de revolução. Não representa, portanto, apenas um instrumento poético pertencente ao poeta, mas um instrumento social que se coloca à disposição do povo e da sua luta e que não pode se escusar de assumir o seu papel social.

4. ALGUNS OUTROS DESTAQUES

Inegavelmente, muitos outros poemas evidenciam a existência de um fazer poético engajado e social em Gullar. No entanto, este trabalho não se propõe a evidenciar isso em um número exaustivo de poemas. Assim, deixando de analisar poemas variados, iremos, agora, observar como Gullar apropria-se da linguagem para falar do seu povo e defende-lo em fragmentos de textos que não podem ser deixados de lado.

Em “A Bomba Sujo” (GULLAR, 2010, p.156), por exemplo, encontra-se um fazer poético que se preocupa com o poder denunciativo do poema. Desse modo, não há o interesse em se fazer poesia que se limite a uma construção lírica que nada fale do povo, da sociedade e das condições em que se vive e em que se tratavam as desiguais relações sociais.

Assim, o verso abaixo evidencia a existência de um eu-lírico que não deixa de lado o seu subjetivismo, mas que, no entanto, percebe a necessidade de se apropriar da linguagem para evidenciar o que lhe é exterior.

Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.

O poeta se torna mudo
sem as palavras reais.

Assumindo, desse modo, caráter de poeta realista que necessita mostrar o que se coloca diante de si, Gullar vai muito além da mera descrição. Ele forma, assim, construções linguísticas que se dão expressivamente a fim de criar uma poesia que não se queira única e exclusivamente reveladora, mas como uma crítica, uma voz que não pode se calar.

Na passagem abaixo de “Meu povo, meu abismo” (GULLAR, 2010, p.377), percebe-se a relação direta existente entre a vivência do homem, o fazer artístico do poeta e seu povo.

Meu povo é meu destino
meu futuro
se ele não vira em mim
veneno ou canto –
apenas morro.

Assim, é imprescindível a existência do ser o fazer poético que esteja diretamente atrelado ao povo, à sociedade em que se insere.

Em diversas passagens de “O lampejo” (GULLAR, 2010, p.356) percebe-se a existência da poesia que guarda a esperança. Destaca-se, em especial, como se evidencia a relação entre o poema e o povo. Tal relação se dá de forma tão expressiva que o poema é personificado e comparado ao que lhe é mais comum, o povo, entendido, sobretudo, a partir das camadas mais populares da sociedade.

“O poema não voa de asa-delta/ não mora na Barra [...]”, assim, não há que se falar no poema como um elemento burguês, o que permite que percebamos como o poeta não admite a arte como uma expressão pertencente às classes mais favorecidas, mas como a voz daqueles que são marginalizados.

Desse modo, esta personificação se dá a fim de evidenciar a direta relação entre o poema e o povo, que tanto se parecem. O poema, assim,

Come mal dorme mal cheira a suor,
parece demais com o povo:
é assaltante?
é posseiro?
é vagabundo?
frequentemente o detêm para averiguações
às vezes o espancam
às vezes o matam
[...]

O poema, assim, como o seu povo,

[...] se vende
 se corrompe
 confia no governo
 desconfia
 de repente se zanga
 e quebra trezentos ônibus nas ruas de Salvador.

Desse modo, a partir desta última estrofe, é possível perceber o quanto a poesia e o poema, por mais passivos que possam parecer, guardam uma força dentro de si capaz de “quebrar trezentos ônibus nas ruas de Salvador”. Há que se observar, ainda, como o poema guarda um lampejo, uma esperança dentro de si que vem do povo e que existe em nome dele. Assim,

[...] no fundo do olhar, no mais fundo,
 detrás de todo o amargor,
 guarda um lampejo
 um diamante
 duro como um homem
 e é isso que obriga o exército a se manter de prontidão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é possível perceber, a leitura da obra e Gullar coloca o leitor diante de um poeta que faz a sua construção lírica a partir de uma específica apropriação da linguagem em que a função precípua desta é tornar-se social.

A arte, em sua essência, é eminente social. Como destaca Cândido (2006, p.20),

[...] a arte é social nos dois sentidos: **depende da ação de fatores do meio**, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e **produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo**, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (grifo nosso)

Desse modo, a relação entre arte e sociedade se dá de duas formas, tanto a partir da influência da sociedade na produção artística, como a partir da influência da produção artística na sociedade, sendo que isto independe do grau de consciência do artista.

Em Gullar, torna-se nítida a existência de um fazer poético que se reconhece como uma produção que se dá a partir do que socialmente se impõe para o sujeito lírico. Do mesmo modo, torna-se evidente a consciência de uma produção que, reconhecendo seu caráter transformador, faz-se nitidamente social.

Tem-se, evidentemente, uma poesia amplamente realista, no entanto,

[...] fazer poesia realista não é apenas expor a nu o que se vê e pode ser exposto com jornalismo. Fazer poesia assim, realista e clara, é opor-se ao subjetivismo fechado, ao escapismo, ao “trobar clus” de tantas vertentes, abstratas ou concretas, virtuais ou nebulosas. Não implica em descrição prosaica embora possa roçar a prosa (...), não implica em descartar o amor individualizado numa mulher ou numa saudade. Implica em expressar a vida vista e vivida, ao alcance do leitor, com a sabedoria do fazer (FERREIRA, 2005).

Assim, foi possível perceber que, para além de evidenciar, o poeta oferta ao poema a força de uma arma de combate. Como arma de combate, por sua vez, deve o poema estar diretamente ligado ao social. Assim, ficou nítido, por exemplo, o modo como Gullar critica um fazer poético que se atenha única e exclusivamente a questões intimistas, sem atentar para a existência do poema como elemento social.

Este seu uso específico da construção lírica como elemento de cunho eminente social descaracteriza a arte como produto estético estritamente da classe média e alta, ofertando à sua criação intelectual uma expressividade que se faz do povo e para o povo.

Este é o mundo em que vivemos, banal e delirante, mas onde se torna cada dia mais clara a necessidade de despertar e cultivar o que há de humano no homem. Os poetas podem ajudar nisso. E não por mistificar a realidade mas, pelo contrário, por revelá-la na sua verdade, que é prosaica e, ao mesmo tempo, fascinante. O poeta sonha no concreto o sonho de todos. Ele sabe que a poesia brota da banalidade do mesmo modo que o poema nasce da linguagem comum. Está na tua boca, na minha boca, a palavra que eventualmente se converterá em beleza. Ou não (GULLAR, 1989, p.15).

Assim, Gullar vale-se da linguagem da forma mais criativa que a sua sensibilidade poética lhe permite e evidencia, como no poema “Meu povo meu poema”, que, estando diretamente entrelaçados o povo e o poema, a construção poética é um fazer que não pode se omitir do seu papel social.

Meu povo e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
como o sol
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
menos como quem canta
do que planta

Como é possível perceber, desde “A luta corporal” até a formação do concretismo e, posteriormente, do neoconcretismo, Gullar se apropria com maestria da linguagem. Desse modo, assumindo um caráter de poeta realista que tenta pintar para o leitor um quadro em que a realidade fática se apresenta como inescusável, Gullar se destaca por, para além de descrever o que se coloca diante dos seus olhos, criticar e evidenciar que a sua linguagem não gera apenas uma descrição, mas um grito, uma bandeira de protesto.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **A literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARA, Salete de Almeida. **A poesia lírica**. 3. ed São Paulo: Ática, 1989. 77 p. - (Princípios).

FERREIRA, Izacyl Guimarães. **Ferreira Gullar e a poesia necessária: homenagem aos 75 anos do poeta** (setembro de 2005).

Disponível em:

<http://www.revista.agulha.nom.br/izacyl18.html>

Acesso em 13 set. 11

GULLAR, Ferreira. **Indagações de hoje**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

_____ **Toda Poesia (1950-1999)**. 19 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

LUFT, Gabriela. **O poeta, o poema e a militância poética: a produção de Ferreira Gullar em *Dentro da noite veloz***.

Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/07/FerreiraGullarDentroDaNoiteVeloz.pdf>

Acesso em: 13 set. 11

Matheus Silva Martins. **A vida em construção: o motivo da esperança na poesia de Ferreira Gullar**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Orientador*: Murilo Marcondes de Moura.

Disponível em:

[http://opus.grude.ufmg.br/opus/opusanexos.nsf/4d078acf4b397b3f83256e86004d9d55/4720f85105666e5e032572650041bba2/\\$FILE/disserta%C3%A7%C3%A3o%20Matheus%20Silva%20Martins.pdf](http://opus.grude.ufmg.br/opus/opusanexos.nsf/4d078acf4b397b3f83256e86004d9d55/4720f85105666e5e032572650041bba2/$FILE/disserta%C3%A7%C3%A3o%20Matheus%20Silva%20Martins.pdf)

Acesso em: 11 set. 2011